

O BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA REALIDADE A SER ENFRENTADA

Grazielli Fernandes, Maria Ângela Mattar Yunes (orient)
UNILASALLE - CANOAS

Resumo

Este artigo apresenta o recorte de uma dissertação de Mestrado, cujo objetivo principal é compreender as percepções de adolescentes do Ensino Fundamental de uma escola pública de Canoas, Rio Grande do Sul, sobre as possíveis relações entre a vivência de violência doméstica e o *bullying* tanto no papel de alvo e/ou de autor desta última forma de violência. Trata-se de uma pesquisa distribuída em três etapas complementares. Neste trabalho, constam os resultados do primeiro estudo, que teve como instrumentos três questionários, aplicados a 112 adolescentes, para investigar o envolvimento em episódios de *bullying*. A Bioecologia do Desenvolvimento Humano, de Urie Bronfenbrenner (1979/1996), e seus princípios conceituais são norteadores das reflexões apresentadas. Os resultados obtidos no questionário demonstram que o fenômeno é parte integrante da realidade escolar, já que 67,9% dos alunos declararam algum envolvimento em situações de *bullying*. Portanto, tal fato deve ser encarado pelos gestores para que medidas preventivas e interventivas possam ser tomadas. Sugere-se o desenvolvimento de um programa de intervenção para redução dos índices de violência encontrados nesta pesquisa.

Palavras-chave: teoria bioecológica, *bullying*, resultados parciais

Área Temática: Ciências Humanas

1. Introdução

O *bullying* escolar tem sido alvo de estudos de pesquisadores de todo o mundo devido à grande incidência de sua manifestação e à crueldade dos atos praticados (FANTE, 2012; SHULTZ et al., 2012). Há existência dessa forma de violência quando um estudante é vitimizado ou agredido, estando exposto repetidamente e ao longo do tempo a ações negativas por parte de um ou mais estudantes, havendo supremacia de poder do autor em relação aos alvos (OLWEUS, 1993).

Compreende-se o *bullying* a partir da teoria bioecológica do desenvolvimento humano, de Urie Bronfenbrenner (1979/1996; 2011), para a qual o desenvolvimento humano é um produto da interação entre a pessoa e o seu ambiente. A teoria propõe um modelo composto por quatro núcleos: Pessoa, Processo, Contexto e Tempo (PPCT), analisados de forma integrada. Para o teórico, não há como realizar pesquisa com foco apenas no indivíduo, dissociado dos ambientes, definidos como microsistema, mesossistema, exossistema e macrosistema.

Estudar esse tema em uma escola de Ensino Fundamental da rede municipal de Canoas, Rio Grande do Sul, é uma das etapas de uma pesquisa de Mestrado, que tem como objetivo geral compreender as percepções de adolescentes sobre as possíveis relações entre a vivência de violência doméstica e o *bullying* tanto no papel de alvo e/ou de autor desta última forma de violência.

Para abranger esse objetivo, três etapas foram realizadas: Estudo I, que tem como instrumentos três questionários (questionário sociodemográfico, questionário sobre *bullying* e questionário de violência intrafamiliar), aplicados a 112 adolescentes, a fim de selecionar 15 adolescentes para o segundo posterior; o Estudo II, cujo instrumento é o Mapa dos Cinco Campos, por meio do qual é possível conhecer a rede de relações dos adolescentes e selecionar

nove adolescentes para a terceira final; Estudo III, no qual são seguidos os princípios característicos do segundo encontro da metodologia da Entrevista Reflexiva de Szymanski, Almeida e Prandini (2002).

A seguir, são apresentados os resultados provenientes da aplicação do questionário sobre *bullying*, de Bandeira (2009), que possibilitou a seleção de adolescentes e o conhecimento da dinâmica das relações na escola investigada.

2. Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano

Urie Bronfenbrenner é um dos principais teóricos da Psicologia do Desenvolvimento Humano e dedicou-se ao compromisso de “[...] compreender as relações entre o indivíduo e integrados diversos níveis ecológicos do desenvolvimento humano” (LERNER, 2011, prefácio).

Em sua teoria bioecológica do desenvolvimento humano, de 1995, a qual atualiza a Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano, de 1979 (traduzida no Brasil em 1996),¹ Bronfenbrenner define o desenvolvimento humano como

[...] fenômeno de continuidade e de mudança das características biopsicológicas dos seres humanos como indivíduos e grupos. Esse fenômeno se estende ao longo do ciclo de vida humano por meio das sucessivas gerações e ao longo do tempo histórico, tanto passado como presente (BRONFENBRENNER, 2011, p. 43, grifos do autor).

A teoria bioecológica propõe um modelo composto por quatro núcleos: *Processo*, *Pessoa*, *Contexto* e *Tempo* (PPCT), em que *Processo* é a fusão e a dinâmica entre o indivíduo e o contexto; *Pessoa* é a pessoa em desenvolvimento, envolvendo características biológicas, cognitivas, emocionais, comportamentais e aquelas construídas na interação com o ambiente; *Contexto* são os níveis ou sistemas entrelaçados da ecologia do desenvolvimento humano que influenciam a pessoa em desenvolvimento (suas subestruturas conceituais são os ambientes); *Tempo* são as mudanças e continuidades da pessoa em desenvolvimento ao longo do tempo, constituindo o cronossistema que modera as mudanças ao longo do ciclo de vida (BRONFENBRENNER, 2011; SILVEIRA; GARCIA; PIETRO; YUNES, 2009; YUNES; JULIANO, 2010; SENNA, 2011).

O pesquisador define os ambientes como: *microssistema*, que são sistemas próximos, de relações face a face (família e escola da criança, por exemplo); *mesossistema*, que são as interrelações entre os microssistemas; *exossistema*, que são os sistemas distais com influência indireta sobre a pessoa (o trabalho dos pais); *macrossistema*, que é o sistema mais distante e que engloba todos os outros (culturas, leis, concepções ideológicas) (BRONFENBRENNER, 1979/1996; SENNA, 2011; PIETRO; YUNES; LIMA, 2014).

Sob essa perspectiva teórica, privilegiam-se as análises dos *processos proximais*, que são formas de interação entre a pessoa em desenvolvimento e o ambiente imediato (microssistema) ao longo do tempo. Tais processos envolvem interações cada vez mais complexas, com pessoas, objetos, símbolos, e podem produzir efeitos de competência (positivos) ou disfunção (negativos) (BRONFENBRENNER, 1979/1996; SENNA, 2011).

A teoria bioecológica permite a compreensão das *díades* (N + 2), definidas como a relação entre duas ou mais pessoas que prestam atenção nas atividades uma da outra ou delas participam, possibilitando o desenvolvimento (saúdável ou não) e constituindo-se num bloco construtor do microssistema (*contextos*). Nessa relação diádica, há que se considerar três propriedades fundamentais: *Reciprocidade*, que trata da influência mútua, com retroalimentação

¹ No modelo ecológico, Urie Bronfenbrenner dá ênfase nos contextos de desenvolvimento, em detrimento das pessoas; já no modelo bioecológico, o pesquisador reconfigura as propriedades da pessoa e os processos de desenvolvimento (YUNES; JULIANO, 2010).

motivacional e coordenação entre as atividades; *Equilíbrio de poder*, que são as influências de um membro sobre o outro (A domina B, mas, para satisfazer condições ótimas de aprendizagem, deve haver alteração gradual desse equilíbrio de poder); *Relação afetiva*, que trata dos sentimentos de um membro em relação ao outro, sendo o resultado das duas propriedades anteriores (BRONFENBRENNER, 2011; SENNA, 2011).

O modelo bioecológico tem sido utilizado por educadores, psicólogos, profissionais da saúde em estudos com famílias e membros da comunidade escolar, a fim de entender fenômenos complexos, como situações de risco, violência e suas diferentes manifestações (PIETRO; YUNES; LIMA, 2014).

Neste artigo, o *bullying* é entendido sob a perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano por se constituir em um fenômeno sistêmico, inter-relacional, que envolve interações entre diferentes pessoas de microsistemas, como escola, família, comunidade, cujas consequências, perpetuam-se por longos períodos de tempo, em diferentes contextos ecológicos.

3. Referencial Teórico

O *bullying* é definido como a prática violenta e intencional que causa dor, angústia e sofrimento às vítimas (FANTE, 2012; SCHULTZ et al., 2012). Apesar de se manifestar em diferentes contextos, pesquisadores de todo mundo vêm estudando-o especificamente na escola, na relação entre os alunos. Para Fante (2012, p. 20), “A violência escolar nas últimas décadas adquiriu crescente dimensão em todas as sociedades, o que a torna questão preocupante devido à grande incidência de sua manifestação em todos os níveis de escolaridade”.

Essa forma de violência é tão antiga quanto a própria instituição escolar; contudo, os estudos nessa área são recentes, tendo início com Dan Olweus, pesquisador norueguês que, na década de 1970, passou a investigar o problema dos autores e suas vítimas na escola (ALMEIDA; FERNÁNDEZ, 2014). Mesmo demonstrando essa preocupação, foi somente na década de 1980, após o suicídio de três adolescentes entre 10 e 14 anos, no norte da Noruega, possivelmente provocado por situações graves de *bullying*, que as instituições passaram a demonstrar interesse pelo tema (FANTE, 2012).

A palavra *bullying*, derivada do verbo inglês *bully*, não tem tradução para a Língua Portuguesa, mas é definida por diferentes autores como “valentão”, “tirano”, “uso da superioridade para intimidar alguém”, ou ainda como “o desejo consciente e deliberado de maltratar outra pessoa e colocá-la sob tensão” (FANTE, 2012; SCHULTZ et al., 2012). Segundo Olweus (1993), há a existência do fenômeno quando um estudante é vitimizado ou agredido, estando exposto repetidamente e ao longo do tempo a ações negativas por parte de um ou mais estudantes (denominados *bullies*), tendo como consequências dano e sofrimento aos alvos (OLWEUS, 1993).

No *bullying*, as agressões podem ser de forma direta, em que a vítima vê e sabe quem é o agressor, ou indireta, em que a vítima é atacada e pode não saber quem é o agressor (OLWEUS, 1993). São formas diretas as agressões físicas (chutar, empurrar, bater, dar pontapés, roubar, empurrar, danificar pertences); verbais (xingar, ameaçar, insultar, humilhar, intimidar, discriminar); sexual (insinuar, assediar, abusar, violentar). São formas indiretas o isolamento ou exclusão da vítima, afetando o relacionamento entre pares; por meio da Internet ou celular (mensagens de texto, fotos ou vídeos com caráter insultuoso ou constrangedor, apropriação indevida da identidade e invasão da privacidade através do roubo dos códigos pessoais, encobrindo ou usando uma identidade falsa), conhecido como *cyberbullying* (OLWEUS, 1993; FRANCISCO; LIBÓRIO, 2009; FANTE, 2012; SCHULTZ et al., 2012; ALMEIDA, 2014).

As pessoas envolvidas podem exercer cinco papéis distintos: *alvo típico* (ou *vítima típica*), *alvo provocador* (ou *vítima provocadora*), *alvo agressor* (ou *vítima agressora*), *autor* (ou *agressor*) e *testemunha* (ou *espectador*). O *alvo típico* é definido como um indivíduo pouco sociável e que não tem condições de se defender. Devido à dificuldade de se impor no grupo, acaba se tornando alvo fácil do autor. O *alvo provocador* é aquele que provoca o autor e não consegue lidar com a situação. Quando atacado ou insultado, tenta se defender, normalmente, de maneira ineficaz. O

alvo agressor é aquele que reproduz os maus-tratos sofridos pelo autor em alguém mais frágil que ele, o que faz aumentar o número de vítimas. O *autor* é aquele que vitimiza os mais fracos, estando numa situação de superioridade, e normalmente não age sozinho. A *testemunha* é aquela que não participa diretamente do *bullying*, mas presencia as agressões e cala-se por medo de ser a próxima vítima. Nesse grupo, pode estar o estudante que não participa diretamente do ataque e que manifesta apoio ao autor (OLWEUS, 1993; LOPES NETO, 2005; FRANCISCO; LIBÓRIO, 2009; FANTE, 2012; SCHULTZ et al., 2012).

O *bullying* pode causar problemas sérios para quem sofre, pratica ou testemunha. Francisco e Libório (2009, p. 201) afirmam que, se “por um lado, as vítimas sofrem uma deterioração da sua autoestima, e do conceito que têm de si, por outro, os agressores também precisam de auxílio, visto que sofrem grave deterioração de sua escala de valores e, portanto, de seu desenvolvimento afetivo e moral”. Os autores podem, futuramente, tornar-se delinquentes e se envolver na criminalidade (MARTINS, 2005).

Mesmo provocando males para todos os envolvidos com essa forma de violência, a família e especialmente a escola não têm valorizado a gravidade do problema, ao entenderem que a maioria das agressões ocorridas, sejam físicas ou verbais, é apenas uma brincadeira típica da idade entre crianças e adolescentes (FANTE, 2012). Por confundi-lo com brincadeiras típicas da idade, ou por certo desconhecimento, a maioria dos professores não intervém durante os episódios violentos presenciados no ambiente escolar, conforme estudo realizado no Canadá por Mishna et al. (2005).

Mas a escola é um ambiente que propicia experiências de relações de hierarquia, vivências de igualdade e convívio com as diferenças, que influenciam a formação do indivíduo (CANTINI, 2004). Devido a essas características, Pietro, Yunes e Lima (2014) consideram que a escola, por ser uma organização política e social, deve oportunizar a transformação das estruturas sociais, e não apenas preocupar-se com a difusão de conhecimentos.

Trata-se de um problema social, sendo motivo de preocupação de professores, comunidade acadêmica e autoridades de educação, que estão buscando medidas de intervenção para minimizar o problema, a partir de estudos de diferentes pesquisadores, que possibilitam a criação de programas de intervenção adequados a cada realidade escolar (ORTEGA; DEL REY; MORA-MERCHÁN, 2001).

4. Metodologia

O questionário sobre *bullying* foi aplicado, de 12 a 19 de junho, em uma escola da rede municipal de Canoas-RS a 112 adolescentes que receberam autorização dos pais ou responsáveis para em participar da pesquisa, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Termo de Assentimento Livre e Esclarecido. O instrumento, composto de 15 questões de múltipla escolha, foi desenvolvido por Bandeira (2009), com base no questionário aplicado pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA). Nele, os adolescentes puderam se identificar como alvos, autores, alvos/autores e/ou testemunhas em suas escolas e esclarecer acerca das formas de violência praticadas na escola.

5. Resultados e Discussões

O *bullying*, uma realidade das escolas, sejam públicas ou privadas, de qualquer parte do mundo, é o responsável pelo estabelecimento de um clima de medo e tensão em torno não só dos alvos, mas de todos os envolvidos direta ou indiretamente, o que exige um olhar atento de toda a comunidade escolar (FANTE, 2012; ABRAPIA, 2003).

Na pesquisa realizada em uma escola da rede municipal de Canoas, entre 6º e 9º ano do Ensino Fundamental, constatou-se que 67,9% dos participantes declararam envolvimento em situações de *bullying* (Gráfico 1).

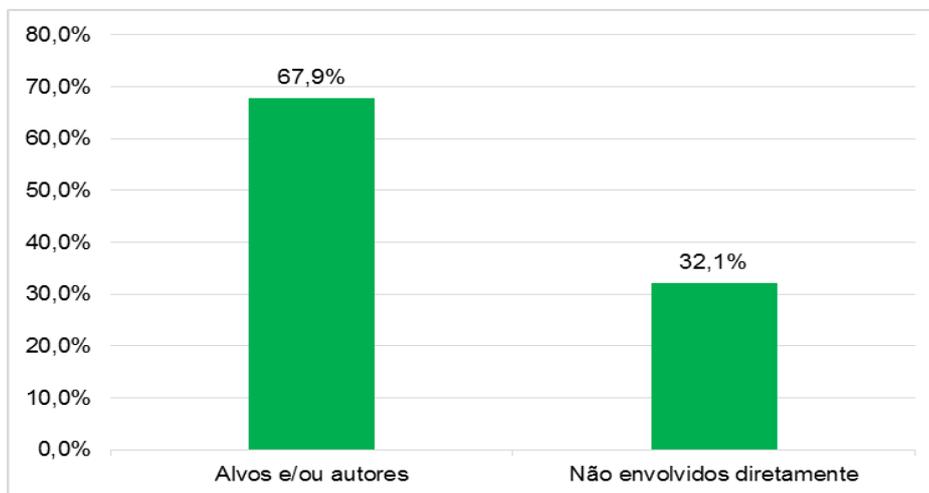


Gráfico 1: Envolveridos e não envolvidos diretamente em situações de *bullying*.
Fonte: Autora (2015).

Esse dado representa um número muito elevado de adolescentes alvos e/ou autores e aproxima-se de outros resultados já obtidos. Fante (2012), no ano 2002, entrevistou, através de questionários, 450 estudantes de uma escola da rede pública de São José do Rio Preto-SP, e constatou que 66,92% declararam envolvimento com *bullying*. Mais recentemente, Francisco e Libório (2009) investigaram, em Presidente Prudente, 285 estudantes de duas escolas públicas, de 5ª a 8ª séries, e concluíram que 58,5% dos participantes afirmaram serem alvos e/ou autores. Bandeira (2009) encontrou um resultado superior a tais estudos, ao pesquisar 465 estudantes de três escolas públicas e privadas de Porto Alegre-RS, totalizando 90,8% de envolvidos em situações de *bullying*.

A menor percentagem encontrada (40,5%) refere-se ao um estudo da ABRAPIA (2003), de novembro de 2002 a março de 2003, realizado com 5.875 estudantes, de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental, provenientes de escolas do Rio de Janeiro.

Ainda, analisaram-se os percentuais de alvos, autores e alvos/autores, conforme Gráfico 2.

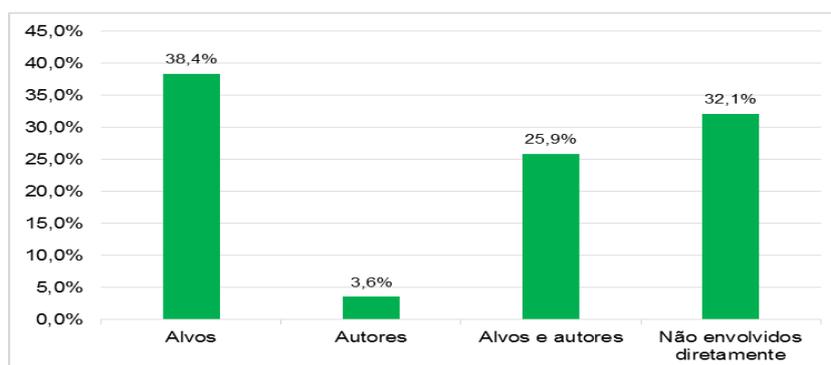


Gráfico 2: Envolveridos em cada situação de *bullying* e não envolvidos diretamente.
Fonte: Autora (2015).

Em relação aos resultados de alvos, autores e alvos/autores, houve diferenças significativas com os resultados de Fante (2012) e da ABRAPIA (2003), já mencionados. No primeiro caso, 25,56% declaram-se alvos; 22,04%, autores e 19,32%, alvos/autores. No segundo, 16,9% são

alvos; 12,7%, autores; 10,9%, alvos/autores. Nesta pesquisa, os percentuais são mais elevados de alvos (38,4%) e de alvos/autores (25,4%), mas menores em autores (3,6%).

Dos entrevistados, 83,9% declararam-se testemunhas, que são os que presenciam o *bullying* no ambiente escolar, mesmo resultado encontrado por Bandeira (2009), todavia, superior ao da ABRAPIA (2003), que totalizou 57,5%.

Um dos motivos para a diferença de índices está no fato de o *bullying* ser um fenômeno complexo que engloba outros fatores, como relações com a família, aspectos econômicos e sociais (FANTE, 2012). Por isso, em cada escola, de cada bairro, estado ou país, os índices podem variar significativamente.

No Gráfico 3, analisam-se, por sexo, os envolvidos diretamente em situações de *bullying*.

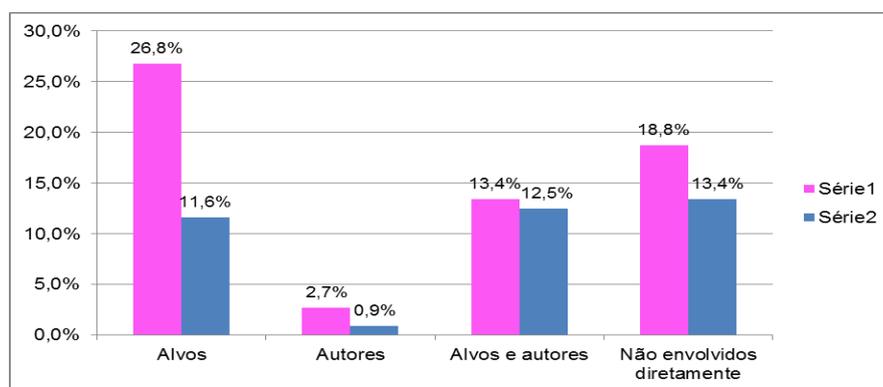


Gráfico 3: Envovidos em cada situação de *bullying* e não envolvidos diretamente, por sexo.

Fonte: Autora (2015).

Estudos afirmam que meninos são mais propensos a se envolver em violência escolar (FANTE, 2012; ABRAPIA, 2003); entretanto, nesta pesquisa, comprova-se que as meninas declararam ser alvos (26,8%), autores (2,7%) e alvos/autores (13,4%) mais do que os meninos (11,6%, 0,9% e 12,5%, respectivamente). A tendência mundial associa o *bullying* ao sexo masculino, porém, nos últimos anos, ele vem ganhando espaço entre as meninas (FANTE, 2012). Diante desses novos resultados, é pertinente que as instituições escolares atentem para as atitudes violentas praticadas e/ou sofridas pelas adolescentes.

Os alvos afirmaram que sofrem mais *bullying* tanto por meninos quanto por meninas (32,9%), seguido de só por meninos (30,1%), principalmente por meninos (19,2%), principalmente meninas e só por meninas (8,2%), como pode ser observado no Gráfico 4.

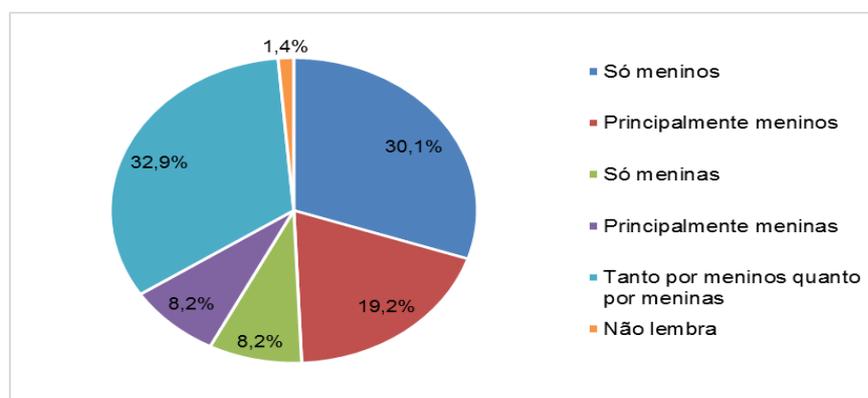


Gráfico 4: Tipos de agressores, segundo os alvos.

Fonte: Autora (2015).

Os tipos de *bullying* mais praticados são: “Me colocam apelidos, me xingam ou riem de mim”, com 62,1%; “Contam mentiras ou fazem fofoca a meu respeito e tentam fazer com que os outros não gostem de mim”, com 17,1%; “Me ameaçam”, com 9,7%; “Me empurram, chutam, batem”, com 8,5%; “Não me deixam conversar, ficar junto ou brincar com outros colegas”, com 2,4%. Nenhum participante marcou a opção “Quebram ou pegam minhas coisas ou meu dinheiro” (Gráfico 5).

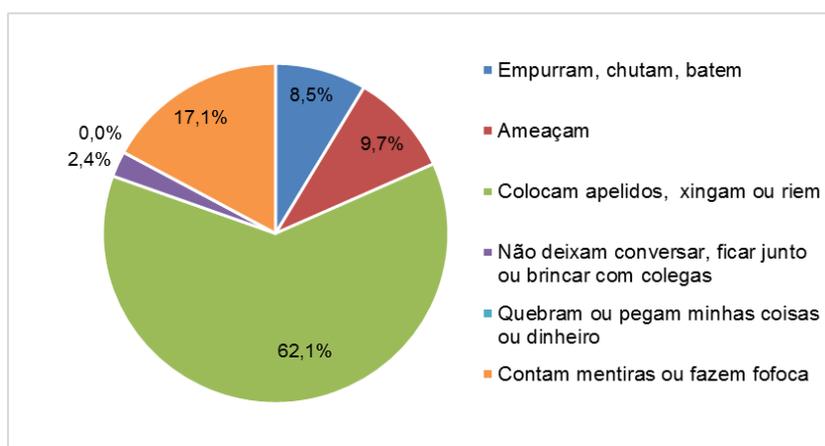


Gráfico 5: Tipos de *bullying* praticados.

Fonte: Autora (2015).

Também analisou-se o tipo de violência escolar mais praticado por sexo (Gráfico 6), o que permite observar que as meninas sofrem mais agressão verbal, totalizando 95,9%, e menos agressão física (4,1%).

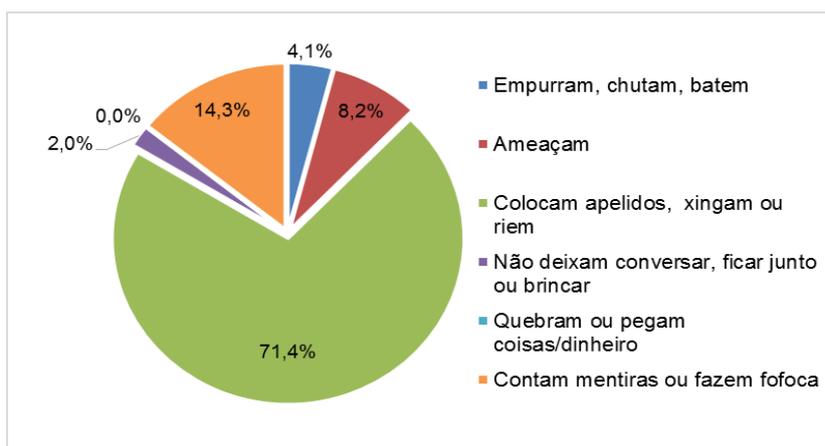


Gráfico 6: Tipos de *bullying* sofrido pelas meninas.

Fonte: Autora (2015).

No caso dos meninos, também prevalecem as agressões verbais (84,8%), mas o percentual de agressão física aumenta significativamente em relação às meninas (15,2%), como pode ser observado no Gráfico 7.

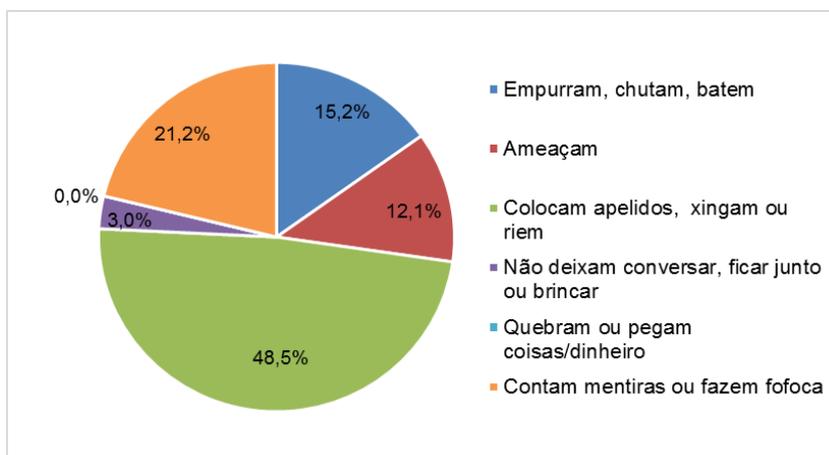


Gráfico 7: Tipos de *bullying* sofrido pelos meninos.
Fonte: Autora (2015).

A agressão verbal e psicológica é a prática mais recorrente nos casos de *bullying*, o que corrobora com outras análises sobre o tema. Fante (2012), em quatro estudos realizados em São Paulo, entre 2000 e 2003, e Bandeira (2009) concluíram que as condutas mais praticadas no ambiente escolar são os maus-tratos verbais e psicológicos. Nesse mesmo sentido, a ABRAPIA (2003) confirma que essa forma de violência é a que mais acomete os adolescentes, totalizando 77% dos casos.

Avaliando-se sob a perspectiva ecológica, constata-se que as relações diádicas (N + 2) entre os estudantes estão produzindo efeitos negativos (disfunção), pois as três propriedades fundamentais dessa relação (*Reciprocidade, Equilíbrio de Poder e Relação Afetiva*) não estão sendo estabelecidas, o que pode perpassar outros ambientes, como a própria família.

6. Considerações Finais

Ao se analisar estes primeiros achados de pesquisa, conclui-se, assim como Fante (2012), que o *bullying* é parte integrante da realidade escolar, independente da sua localização ou nível social dos estudantes, o que tem preocupado pesquisadores de todo o mundo, tendo em vista os prejuízos causados na vida de quem sofre, pratica ou testemunha essa forma de violência.

Como resultado preliminar, comparando-se com outros estudos, é possível concluir que o índice de *bullying* na escola de Canoas está entre os mais elevados. Além disso, essa forma de violência tem aumentado entre as meninas, o que reforça a necessidade de se criar um programa de intervenção efetivo, que possibilite a redução desse número, com foco não a punição, e sim na prevenção.

Como etapa final da pesquisa de Mestrado, entre agosto e novembro de 2015, será realizado, na escola, um programa de intervenção, cujos idealizadores serão os adolescentes interessados em compreender o *bullying* e contribuir para a redução das práticas violentas.

Referências

- ABRAPIA. Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção a Infância e Adolescência. **Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes**. 2003. Disponível em: <<http://www.observatoriodainfancia.com.br/IMG/pdf/doc-100.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2014.
- ALMEIDA, A. T. de. Recomendações para a prevenção do *cyberbullying* em contexto escolar: uma revisão comentada dos dados da investigação. **Educação, Ciência e Cultura**, Canoas, v. 19, n. 1, p. 77-91, 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/1657/1125>>. Acesso em: 10 mar. 2015.
- ALMEIDA, A.; FERNÁNDEZ, M. **O caráter ímpar do bullying na relação de pares: conceptualização e modelos de intervenção sistêmica**. In: MATOS, M. (Ed.). **Vítimas de crime e violência: Práticas de intervenção**. Braga: Psiquilibros, 2014.
- BANDEIRA, C. M. **Bullying: auto-estima e diferenças de gênero**. 2009. 69f. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2009.
- BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996 (original publicado em 1979).
- _____. **Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos**. Trad. André de Carvalho Barreto. Ver. Téc. Sílvia H. Koller. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- CANTINI, N. **Problematizando o bullying para a realidade brasileira**. 2004. 206f. Tese (Doutorado), Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo, 2004.
- FANTE, C. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 7. ed. Campinas: Verus, 2012.
- FRANCISCO, M. V.; LIBÓRIO, R. M. C. Um estudo sobre *bullying* entre escolares do Ensino Fundamental. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 200-207, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v22n2/a05v22n2.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2014.
- LERNER, R. M. Prefácio. In: BRONFENBRENNER, U. **Bioecologia do Desenvolvimento Humano: tornando os seres humanos mais humanos**. Trad. André de Carvalho Barreto. Rev. Téc. Sílvia H. Koller. Porto Alegre: Artmed, 2011. Prefácio, p. 19-36.
- LOPES NETO, A. A. *Bullying*, comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06>>. Acesso em: 20 abr. 2014.
- MARTINS, M. J. D. Agressão e vitimação entre adolescentes, em contexto escolar: um estudo empírico. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 4, n. XXIII, p. 401-425, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v23n4/v23n4a05.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2014.
- MISHNA, F. et al. Teachers' understanding of bullying. **Canadian Journal of Education**, v. 28, n. 4, p. 718-738, 2005. Disponível em: <<http://www.csse.ca/CJE/Articles/FullText/CJE28-4/CJE28-4-mishnaetal.pdf>>. Acesso em: 19 jun. 2014.

OLWEUS, D. **Bullying at school**. Oxford USA: Blackwell Publishing, 1993.

ORTEGA, R.; DEL REY, R.; MORA-MERCHÁN, J. A. Violencia entre escolares conceptos y etiquetas verbales que definen el fenómeno del maltrato entre iguales. **Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado**, n. 41, p. 95-113, ago. 2001. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/274/27404107.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2014.

PIETRO, A. T.; YUNES, M. A. M.; LIMA, E. D. Programa de intervenção psicoeducacional para professores: a escola como espaço de proteção em casos de abuso sexual. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, Ourense, v. 13, n. 1, p. 1-17, 2014. Disponível em: <http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen13/REEC_13_1_1_ex697.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2015.

SCHULTZ, N. C. W. et al. A compreensão sistêmica do *bullying*. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 2, p. 247-254, abr./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.readcube.com/articles/10.1590%2FS1413-73722012000200008>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

SENNA, M. T. T. R. **Pesquisa em Educação Infantil**: o paradigma sistêmico de Urie Bronfenbrenner. Curitiba: CRV, 2011.

SILVEIRA, S. B. A. B.; GARCIA, N. M. PIETRO, A. T.; YUNES, M. A. M. Inserção ecológica: metodologia para pesquisar risco e intervir com proteção. **Psicologia da Educação**, v. 29, p. 57-74, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752009000200004>. Acesso em: 20 mai. 2014.

SZYMANSKI, Heloisa; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PRANDINI, Regina Célia Almeida Rego. **A Entrevista na Pesquisa em Educação**: a prática reflexiva. Brasília: Plano, 2002.

YUNES; M. A. M.; JULIANO, M. C. A Bioecologia do Desenvolvimento Humano e suas Interfaces com Educação Ambiental. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 37, p. 347-379, set./dez. 2010. Disponível em: <<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/1591/1477>>. Acesso em: 10 jul. 2014.